

GUARANI: GUERREIROS

Claudia Turra Magni

Para entender o tanto que há de guarani na estrutura montada nas reduções jesuíticas é preciso conhecer um pouco da história e do modo de vida destes índios: como expandiram sua cultura, inteirando-se com o meio, quais eram suas crenças e instâncias de poder, e como produziram socialmente. Detendo-me nestes aspectos, pretendo expor um painel amplo e diversificado sobre a sociedade guarani anterior a chegada dos europeus.

O homem pré-histórico, ao chegar na América, foi ganhando os espaços do continente à medida que ia desenvolvendo culturas próprias adaptadas ao meio ambiente. As sociedades que aprenderam a cultivar plantas mostraram sua superioridade em relação a outros povos, e, cerca de 2000 a.C., já havia certa uniformidade cultural nas tribos que habitavam a região amazônica, baseando seu sustento na mandioca e no milho. É aqui que se encontra a origem remota da tradição tupiguarani.

O seu deslocamento para o sul deve-se a profundas mudanças ecológicas que obrigaram os nativos a migrarem na procura de melhores terras. Estes índios, que eram exímios canoieiros, tomaram o fluxo dos rios da Bacia Amazônica que, em períodos de enchente, fundem-se com os da Bacia Platina. Gradualmente foram-se estabelecendo ao longo de seus rios, das lagoas e da costa atlântica, num processo de expansão que atingiu todas as florestas subtropicais da América do Sul.

Os povos caçadores-coletores nômades que habitavam essas regiões eram assimilados ou expulsos por estes proto-guarani, que desenvolveram grande potencial bélico devido a um vigoroso sistema de alianças e de chefia baseado no parentesco. Além disso, a capacidade de armazenar alimentos, (milho em forma de farinha), e a prática da antropofagia quanto aos inimigos,¹ davam-lhes vantagens sobre os povos que dependiam exclusivamente da caça e pesca durante as campanhas militares.

No entanto, também era freqüente a fusão com outras tribos (através, por exemplo, do casamento) e imposição da cultura guarani, que ia se tornando cada vez mais homogênea e hegemônica na região. A contínua expansão

guarani, necessária devido ao constante aumento demográfico, só foi interrompida com o avanço dos bandeirantes e espanhóis.

Vê-se, portanto, que ao longo da história pré-européia a sociedade guarani sofreu alterações substanciais que modificaram sua formação, à medida em que ia expandindo suas conquistas pelo continente. Por volta de 500 a.C., quando chegaram do norte os primeiros Guarani, as aldeias não reuniam mais que uma ou duas casas comunais em territórios livres, sob comando do chefe patrilineal, o *Ñande Ru*. Com a gradual assimilação de outros povos, conquista de novas terras e aumento da população, as aldeias cresciam de tamanho e até oito casas coletivas eram necessárias para abrigar as múltiplas linhagens, então lideradas por um grande xamã, o karaí, com influência sobre várias aldeias. Alguns territórios passaram a ser controlados com exclusividade de posse.

O estado de abundância em que viviam fica evidenciado diante de tal aumento demográfico, que, no entanto, parece tornar-se explosivo a partir do século XII, pois as melhores terras já haviam sido ocupadas, obrigando-os a serem menos rigorosos na escolha de seus sítios. A necessidade de intensificar a exploração da terra, aumentando as áreas de cultivo sobre a zona silvícola, o solo menos fértil, os rios mais ralos obrigam as aldeias a se atomizarem e a se fixarem por períodos mais curtos na região.

Quanto a esses deslocamentos periódicos, verifica-se que permitiam que o solo descansasse, sem sofrer erosão. Assim, o sistema de coivara estava ecologicamente adaptado ao meio de floresta: os homens abriam um clarão, cortando as árvores; queimavam os troncos e a capoeira, deixando que as cinzas ajudassem na fertilização do solo. Depois da chuva, sem maiores preparos da terra, as mulheres semeavam. Embora o terreno ainda fosse produtivo, abandonavam a área antes de cinco ou seis anos de ocupação, pois parece que era mais fácil abrir outra clareira do que desinçar o mato que avançava sobre a plantação. Além disso, a madeira e a palha com que eram construídas as casas também não resistiam por muito mais tempo; e a caça, pesca e coleta começavam a escassear, obrigando-os a migrarem à procura de uma nova terra sem estragos.

Aqui economia e mito fundem-se, pois a busca da Terra sem Mal por uma via espiritual também é profetizada ao longo de toda a história tupiguarani, até hoje. Embora este caminho espiritual deva ser alcançado individualmente, segundo uma série de ritos celebrados pelo xamã, grandes migrações mobilizaram os Tupiguarani na procura da Terra sem Mal.

Esta também é uma peculiaridade do xamanismo tupiguarani, pois, além do pajé feiticeiro e curandeiro, havia o pajé Karaí, venerado como deus e profeta, recebido com grandes honras até em aldeias inimigas entre si, embora alienado de todos em sua moradia isolada e inacessível. Esse eloqüente

orador guiava migrações e mantinha viva a mitologia tradicional, reproduzindo assim, não só a instituição xamânica, como todo o sistema cultural guarani.

Se originalmente um só líder personificava os poderes religioso e laico, gradualmente essas instâncias iam se separando em representantes distintos — o xamã e o chefe de aldeia² — os quais, por vezes, entravam em disputas de poder que podia resultar na supremacia de um sobre o outro.

O líder político, ou Morubixaba, inspirado pelos deuses e antepassados, devia ter qualidades como sabedoria, conhecimento das tradições, boa oratória, espírito guerreiro, mas também moderação. Apesar de herdar o cargo, devia conquistar seu prestígio e ser extremamente generoso para com seus comandados. Assim, quanto maior o número de esposas tivesse, mais presentes poderia oferecer, visto que eram as mulheres que os produziam. Ou seja, a poligamia não era apenas um privilégio do líder, mas a condição para que ele aumentasse seu *status* e redistribuísse presentes dentro a comunidade.

A poligamia também permitia que o Morubixaba contasse com uma extensa rede de parentesco e de alianças sócio-políticas através de seus cunhados. Assuntos importantes como expedições guerreiras, migrações, escolha de novo sítio, eram decididos em celebrações coletivas em que o Morubixaba convidava seus parentes homens, os chefes das grandes famílias e os anciãos de prestígio, além de levar em conta a opinião geral do grupo.

O regime de cooperação em que viviam encontrava sua expressão máxima nessas confraternizações, ritualizadas pelas danças, comilanças, bebedeiras cerimoniais de álcool (miho fermentado pela saliva) e longos discursos exaltando o parentesco, a troca e a doação, que era, ao mesmo tempo, um dever e um privilégio de todos os membros da família extensa entre si.

Dessa forma, o intercâmbio vitalizava, não só o sistema de parentesco, como também a crença na Terra sem Mal, pois a migração só ocorria quando a terra em que habitavam deixava de proporcionar grandes festas e, portanto, passava a ameaçar a manutenção do regime de reciprocidade.

Os ritos compassavam toda a vida do Guarani, não apenas coletivamente, como estes relacionados às festas, às guerras, à antropofagia (considerada rapto da força vital do inimigo), mas também de forma individual. Desde a gestação até a morte, passando pelo nascimento, denominação, paternidade, puberdade e matrimônio, o xamã celebrava e guiava cada etapa da vida dos aldeões, interpretando a vontade dos espíritos ou combatendo-os. A série de tabus, normas, orações e ritos praticados pela coletividade eram fundamentais para o relacionamento social harmônico na relação com a natureza. Seres animados ou inanimados, manifestações ou palavras — em absolutamente todas as coisas habitam entidades espirituais que podem ser bem ou malfeitas, ter maior ou menor poder. No próprio homem habitam uma alma sagrada

e uma ou mais almas nocivas, de animais ou mortes que vagueiam sobre a terra.

Mas o sistema de crenças guarani também complexifica-se tal qual a sua cultura. Ao animismo, integrou-se a mitologia da criação do mundo por Ñanderuvuçu, o primeiro deus, que teria se autogerado a partir de um fluido e, então, dado existência às coisas e outros deuses.

Constrói-se, assim, uma cosmologia com uma estrutura hierárquica de poder sagrado. À certa altura, o mundo teria sido destruído com um enchente pelo próprio criador, descontente que estava com seus primeiros filhos, cujas almas foram convertidas em animais. A profecia pregava uma segunda destruição da terra, o que, de certa forma, fazia com que considerassem Tupã, deus da chuva, o senhor do seu destino. Embora não fosse esse o deus mais importante do panteão guarani, os jesuítas elegeram-no como correspondente do deus cristão, talvez pelo temor que causava aos índios. O êxito que tiveram nessa tradução é questionável, na medida em que Tupã, sendo um elemento integrado a um sistema de crenças global, não pode ser encherado em outro completamente distinto como é a religião católica.

É bastante difícil concluir um trabalho que aborda sobre um projeto vencido, como o da cultura guarani, já que à certa altura da sua história elementos externos integram-se a ela, complexificando as alternativas para a sua evolução. Com a chegada dos colonizadores europeus, inverte-se o caráter desses povos guarani, que, de dominadores, passam a dominados, rumando para a perda de identidade e o extermínio físico. Altera-se, também, a direção que tomava o processo político, sem que se saiba, hoje, se as disputas de poder entre Karai e Morubixaba tenderia ou não a alterar a estrutura de poder dessa sociedade. No entanto, se no mundo livre dos Guaranis as suas vias de desenvolvimento foram violentadas, no mundo das reduções jesuíticas alguns aspectos como a cooperação e a auto-suficiência, próprios dessa cultura “pré-histórica”, fundiram-se com a cultura missionária renascentista. Ao meu ver, o mérito maior dessa estrutura peculiar foi a luta pela preservação humana dos Guaranis, mas também este acabou revelando-se um projeto vencido diante da desconsideração das Coroas espanhola e portuguesa que tinham outros interesses a preservar.

NOTAS

1. Brochado, J. Proenza. “A tradição cerâmica tupiguarani na América do Sul”. In: *Revista CLIO*, nº III, Universidade Federal de Pernambuco, 1980, p. 59.
2. Alterado do original em função da contribuição crítica dada pelo professor Bartolomeu Meliá durante as III Jornadas Internacionais das Missões Jesuíticas.

BIBLIOGRAFIA

- BROCHADO, José Proenza. Alimentação na floresta tropical. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Caderno* nº 2, Porto Alegre, 1977.
- . “A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *CLIO*, 3, Recife, 1980.
- CLASTRES, Hélène. *A terra sem mal: o profetismo tupi-guarani*. São Paulo, Brasiliense, 1975.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- GALILEANO, Ana Maria. *Las reducciones guaraníicas*. Argentina, Ediciones Culturales, 1979.
- HAUBERT, Maxime. *A vida quotidiana no Paraguai no tempo dos Jesuítas*. Lisboa, Edição Livros do Brasil, S.A.
- KERN, Arno Alvarez. O processo histórico platino no séc. XVII: da aldeia guarani ao povoado missioneiro. In: *Estudos Ibero-Americanos*, vol. XI, n. 1, Porto Alegre, 1985.
- MELIÁ, Bartolomeu. *El guarani conquistado y reducido*. Ensayo de etnohistoria. Biblioteca Paraguaya de Antropología, vol. 5. Asunción, Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica, 1986.
- . *La Tierra sin Mal de los Guarani. Economía y profecía*. Ensaio etnohistórico. Paraguai-Brasil, s.e., 1987.
- MELIÁ, B. e outros. *O Guarani. Uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo, FUNDAMES, 1987.
- NEDEL, Rui. *Esta terra teve dono*. Porto Alegre, Tchê, 1984.
- SCATAMACCHIA, M. Cristina. *Tentativas de caracterização da tradição tupiguarani*. (Tese), São Paulo, 1981.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Guarani no Rio Grande do Sul. *Boletim do MARSUL*, vol. 2, Taquara, SEC/Reprografia, 1985.
- . Contribuciones a la pré-história do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, n. 32, São Leopoldo, 1981.
- SMITH, R. L. Plant domestication and origins of agriculture. In: *The ecology of man an ecosystem approach*, 1972.
- VARA, Alfredo. Corrientes en el mundo guaraníico. *Todo es História*. Buenos Aires, agosto, 1985.